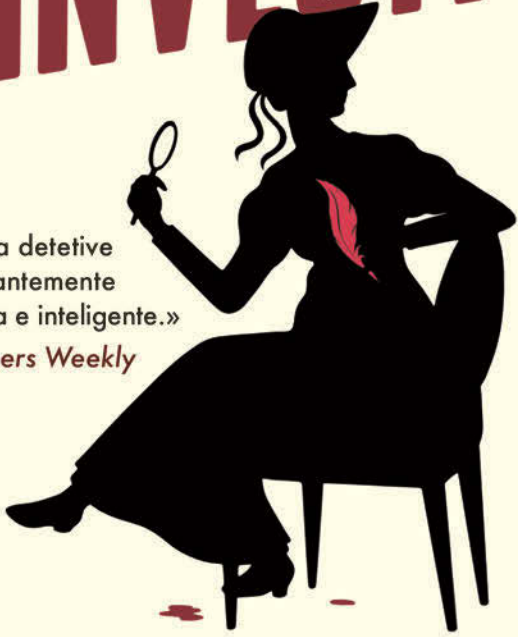




Jane  
Austen

# INVESTIGA



«Uma detetive  
cativantemente  
desajeitada e inteligente.»

*Publishers Weekly*

«Os fãs de  
Jane Austen  
ficarão radiantes.»

*Booklist*

JESSICA BULL

TOP  
SEL  
LER

*Para Eliza e Rosina, as minhas teimosas e obstinadas raparigas*

Os oito filhos do Reverendo George Austen e da sua extremosa esposa, Sra. Cassandra Austen (nome de solteira, Leigh), enumerados por ordem de nascimento por uma historiadora da *família* parcial, preconceituosa e ignorante.

**O Reverendo James Austen** (n. 1765): o mais velho — um filho do acaso que ele considera providência divina.

**Sr. George «Georgy» Austen** (n. 1766): antes de eu saber escrever ou falar, ensinou-me a comunicar com os dedos.

**Sr. Edward «Neddy» Austen**, mais tarde Cavaleiro (n. 1767): o meu favorito. Porque é simplesmente prudente que o irmão mais rico seja o nosso favorito.

**Tenente Henry Austen** (n. 1771): uma besta. O irmão mais horrendo que já existiu.

**Menina Cassandra Austen** (n. 1773): a mais doce, generosa e crédula das criaturas.

**Tenente Francis (Frank) Austen** (n. 1774): jovem, tenaz, longas temporadas no mar.

**Menina Jane Austen** (n. 1775): Ora, preciso mesmo de me apresentar?

**Aspirante Charles Austen** (n. 1779): *ver* Frank.

## Capítulo Um

*Hampshire, Inglaterra, 11 de dezembro de 1795*



Sob o luar, Jane pega na bainha do vestido de musselina e estuga o passo através de um relvado bem aparado. O fogo de artifício terminou, mas o sabor forte e almiscarado da pólvora permanece na sua garganta, e o estrépito da multidão ergue-se sobre os esforços do quarteto de cordas que atua na mansão Tudor atrás de si. São 21 horas e o baile mal começou. Jane, acompanhada por dois dos irmãos mais velhos, James e Henry, não chegou sequer há uma hora e já a alta sociedade de todo o Hampshire está com um grão na asa, berrando uns para os outros acima da melodia.

À medida que atravessa o jardim bem cuidado, Jane vai-se acocorando atrás de cada uma das colossais torres de teixo para garantir que ninguém a está a observar. O seu coração sobressalta-se perante a hipótese ruinosa de ser avistada. Que Deus não permita que seja apanhada a escapulir-se da festa sem acompanhante. Tem os pés frios, e a humidade infiltra-se pelas suas chinelas de seda rosa-pérola. Foram concebidas para rodopiar em mogno envernizado, não para correr sobre relva coberta de geada.

A sua respiração transforma-se em vapor. Os ramos de um laburno estendem-se na sua direção como se fossem os braços ossudos de um grande esqueleto, mas isso não a impede de continuar. Esta noite, ela e o seu jovem sagaz irão formalizar o seu acordo. Ele irá pedi-la em casamento, tem a certeza disso.

Que palavras escolherá Tom para o pedido? *Minha querida Jane, peça-lhe que me permita... Menina Austen, ofereço-me a si...* Ela ouvi-lo-á atentamente e guardará cada frase na memória. Poderão ser-lhe úteis na próxima vez que uma das suas heroínas receber uma proposta de casamento.

O seu caminho até à estufa é guiado por candeias tremeluzentes. Ela empurra gentilmente o puxador da porta, a qual, ainda assim, estala e faz gemer as dobradiças. Na atmosfera brumosa, sente-se o perfume de orquídeas exóticas, e ela toca na nuca com uma mão. A criada enrolou-lhe o cabelo castanho num *chignon* sofrivelmente elegante, com caracóis a emoldurar-lhe o rosto. Se os caracóis começarem a frisar, os irmãos adivinharão onde esteve, e denunciá-la-ão à mãe.

Uma figura esguia surge detrás de um pinheiro do deserto. É bonito, com feições distintas, e instantaneamente reconhecível pelo seu fraque cor de marfim.

— *Mademoiselle*.

O timbre baixo da sua voz dissolve o coração de Jane e impele-a para ele. Parando a curta distância, ergue o olhar, pestanejando.

— É muito perverso da tua parte atraíres-me para aqui sozinha.

Os brilhantes olhos azuis dele refulgem e a sua boca encurva-se num sorriso sedutor.

— Quer dizer que compreendeste a minha mensagem?

— Compreendo-o perfeitamente, *Monsieur* Lefroy.

O olhar de Jane fixa-se nos seus lábios e deixa-se ser apertada nos seus braços. A boca dele paira sobre a sua, e ela inclina a cabeça para trás para receber o beijo. É quase, quase tão alta como ele. As suas estaturas relativas parecem concebidas para auxiliar o seu *amour*. Como que colados, cambaleiam de encontro a uma estante. Um vaso de terracota cai ao lado de Jane, quebrando-se aos seus pés. Terra escura espalha-se no chão de mosaicos de barro. Ela liberta-se, inclinando-se para pegar no emaranhado de raízes e colocar cuidadosamente a planta dentro do seu vaso partido.

Tom pousa um joelho no chão, segurando-lhe as faces nas palmas da mão. Será agora que a vai pedir em casamento? Ele dirige o olhar para o seu.

— Deixa lá as ervas estragadas, Jane. Isso não importa.

— Mas é necessário tratar disto! Somos convidados. É o mínimo de respeito. — O coração de Jane recupera o ritmo regular assim que devolve a orquídea à prateleira, colocando-a junto das suas vizinhas. Ajeita o caule alto, do qual saem finíssimas flores amarelas-esverdeadas, até que pareça que a planta não tenha sofrido qualquer acidente. Tom pontapeia cacos de terracota para debaixo da estante com a biqueira dos seus sapatos de dança. — Além disso, vai-se saber que estivemos aqui...

Ele silencia-lhe os protestos com beijos. Lentamente, desliza-lhe a luva de pelica pelo braço e despe-lha. Jane encosta a palma da mão à dele, entrelaçando os dedos. Através dos olhos semi-cerrados, vê a condensação formar pequenos regatos que escorrem pelas paredes da estufa, e espera que as cordas recomecem a tocar. Uma gota de humidade pinga no chão.

— Espera. Passa-se alguma coisa. Não ouço a música.

Jane alcança a janela de vidro mais próxima, limpa-a e espreita. As portas do grande salão estão abertas para o terraço. Os convidados estão por lá, de cabeças juntas. O recinto de dança está vazio.

Tom solta-a, endireitando-se.

— Tens razão. Há demasiado silêncio. O Sir John não pode estar já a fazer o brinde, é muito cedo.

— Calculo que a Sra. Rivers esteja a perseguir a Lady Harcourt e o baronete para fazerem o anúncio. O Jonathan Harcourt é o solteiro mais apetecível de todo o Hampshire. A Sophy Rivers deve estar impaciente para receber as felicitações pelo noivado. É melhor eu voltar. O James e o Henry estarão decerto a procurar-me. Apostei com eles meia coroa, já há semanas, em como era a Sophy quem o ia fisgar.

Os ombros de Tom descaem, derrotados.

— Vai à frente. Eu sigo-te.

— Podemos encontrar-nos novamente depois? — Jane está relutante em deixar que o momento passe sem que haja uma resolução sobre o seu futuro juntos. A estufa é o cenário perfeito para Tom lhe declarar as suas intenções. Contudo, se a família der pela sua ausência no baile, arrisca-se a ter a sua limitada liberdade ainda mais cerceada. — Encontramo-nos aqui. Assim que as danças recommencem?

Tom oferece-lhe um sorriso pesaroso.

— Vai lá, então. Dá-me um momento para me recompor.

Jane ruboriza e vira-se para a porta, premindo os lábios com os dedos para não rir.

— Espera! — Ele acena-lhe com a luva dela.

Ela corre de volta para os seus braços, rindo com vontade. Pareceria uma tola se voltasse para o baile só com uma luva. Os irmãos ficariam furiosos se adivinhassem que ela a perdera num encontro amoroso com um jovem que conhecera tão recentemente. Por mais que James e Henry pareçam simpatizar com Tom, Jane é a sua irmã mais nova, e constitui dever de ambos preservar a sua pureza. A reputação de uma senhora é o seu bem mais valioso. Especialmente para uma jovem como ela, cujos recursos que a tornem recomendável são escassos.

Jane reclama o seu objeto roubado, inclinando-se para um último beijo antes de se embrenhar na noite. Tom podia não ter feito o pedido, mas pela ânsia no olhar e pela paixão do seu beijo arrebatador, Jane não tinha dúvidas acerca da sua mais ardente afeição por ela.

As enormes e ornamentadas portas de carvalho que dão para o grande salão de Deane House estão abertas, presas com cunhas. O calor e a luz irradiam da multidão de convidados abastados no seu interior. Jane hesita, fitando as manchas de relva nas suas chinelas e ao longo da bainha do seu melhor vestido de musselina.

Cassandra, a irmã mais velha de Jane e legítima proprietária do vestido, ficará muitíssimo consternada. Mas Cassandra não pode repreender Jane por lhe arruinar o vestido, nem pelo seu comportamento lascivo com Tom na estufa, dado não estar ali. Em preparativos para se juntar à sua nova família, os Fowles, Cassandra está a passar o Natal com o noivo em Kintbury.

Assim, Jane comporta-se desta maneira leviana de modo a garantir um noivo para si própria e a não ser a única dos oito filhos dos Austens a permanecer na reitoria de Steventon. Não consegue imaginar pior destino do que ser uma solteirona toda a vida, forçada a fazer de ama para os seus pais durante a senilidade. Enche os pulmões com uma última golfada do ar frio da noite antes de entrar.

Mais de trinta famílias convivem e murmuram umas para as outras sob o teto de carvalho abobadado do salão isabelino. Senhoras de pálpebras pesadas sussurram por trás de leques, enquanto cavalheiros franzem as testas e abanam as cabeças. É impossível terem já descoberto a imoralidade de Jane! De costas para as tapeçarias, desliza ao longo da orla da multidão. Por cima da sua cabeça, intervaladas, ardem vivamente grandes tochas nos seus castiçais de ferro. Na varanda, os músicos bebem e conversam com os instrumentos silenciosos pousados no colo.

Excertos de conversas flutuam no ar denso:

— Um incidente... O Sir John foi chamado...

Graças a Deus. Fora outra coisa e não o seu mau comportamento a interromper o serão: um convidado que virou a tigela do ponche ou deixou cair os óculos na terrina da sopa. Pobre Sir John e Lady Harcourt, tendo de tolerar tais comportamentos.

Sophy, a mais velha das irmãs Rivers e sussurrado alvo do afeto de Jonathan Harcourt, está sentada num canapé a fitar as deslumbrantes rosas brancas dos seus sapatos. Francamente, podia mostrar um pouco mais de entusiasmo. Jane não sabe de que é que as raparigas Rivers, qualquer uma delas, com a sua beleza insípida e trinta mil libras cada, se podem queixar.



Especialmente Sophy, a qual, ao que parece, não só físgou o solteiro mais cobiçado do condado, como usa uma gargantilha de diamantes de onde pende, no seu habitual estilo modesto, um camafeu com a sua própria efígie.

Contudo, os olhos cinzentos de Sophy estão endurecidos, e os cantos da sua boca revirados para baixo. Deve estar ansiosa por ver o assunto resolvido publicamente. É uma posição precária para uma jovem, ter o seu bom nome associado ao de um cavaleiro sem, em troca, gozar da segurança de ter assumido o dele. A viúva Rivers encontra-se perto da filha, compensando o enfado de Sophy com a sua tagarelice. Embora a fortuna do falecido Sr. Rivers tivesse sido construída com algodão, a viúva prefere sedas e peles. Esta noite está resplandecente, de bombazina preta debruada a tafetá.

Do outro lado do salão, a constituição esguia de Jonathan Harcourt é engolida pela porta que dá para a ala principal da casa. Talvez já esteja a lamentar a perspectiva de se ir ligar à filha de uma *parvenue* descarada. Jonathan regressou há pouco do seu *Grand Tour* pelo Continente. Jane aprecia-o ainda mais por ter estado fora, mas não tanto que desejasse ser a sua futura noiva.

Jonathan e o seu irmão mais velho, Edwin, tinham sido pupilos do pai de Jane e passado os seus primeiros anos com ela na reitoria de Steventon. Ela tem o mesmo problema com todos os cavalheiros solteiros da sua localidade: tendo-os visto demasiado enquanto meninos de escola, não consegue encarar nenhum como potencial amante.

O seu interesse só é despertado por recém-chegados, como o deleitável Tom Lefroy. E talvez Douglas Fitzgerald, o futuro jovem clérigo a quem a Sra. Rivers está a dar cabo dos ouvidos. O salão está cheio de clérigos, mas nenhum como aquele. É filho natural do cunhado da Sra. Rivers, o capitão Jerry Rivers. O capitão Rivers é proprietário de uma plantação na Jamaica e mandou o Sr. Fitzgerald estudar em Inglaterra. O jovem é extremamente

alto e vistoso, e usa uma peruca prateada que contrasta com a sua pele muito morena.

Jane vai procurar James e Henry e garantir-lhes que o seu comportamento é o apropriado a uma jovem da sua posição. Depois, assim que Sir John tiver resolvido o tal incidente que se deu e o quarteto de cordas voltar a pegar nos seus arcos, correrá de novo à estufa para Tom terminar o que começou. Sorri para si mesma ao tirar um cálice de cristal com vinho da Madeira da bandeja de um laçao e dar um longo gole, tentando aliviar a sede. É servido quente e sabe a casca de laranja e a açúcar queimado.

James está ao fundo do salão. É magro, majestoso na sua indumentária eclesiástica, e com os caracóis empoados pelos ombros. As suas feições são um reflexo distorcido das de Jane. Os irmãos Austens têm todos os mesmos olhos brilhantes cor de avelã, testa alta e longo nariz direito, com uma boca pequena e carnudos lábios rosados. James é o mais velho — um filho do acaso que ele considera providência divina.

— Ora aí estás tu! — Ele abre caminho pelo mar de pessoas até ela. — Onde é que estiveste? Procurei-te em todo o lado.

— Fui à procura de outra bebida — mente Jane, mostrando-lhe o seu vinho como prova. — Não quero ser apanhada de mãos vazias quando fizerem os discursos.

James esfrega a parte de trás do seu longo pescoço.

— Não sei se haverá algum brinde.

— Porquê? O Jonathan fez uma última tentativa de escapar ao nó matrimonial?

— Não sejas ridícula, Jane. O Jonathan não se atreveria a desapontar assim os pais. Principalmente depois de...

Edwin. Cinco anos antes, o irmão mais velho de Jonathan, Edwin, fora projetado do seu puro-sangue na véspera do próprio casamento com a filha de um duque. Morrera de imediato, partindo simultaneamente o pescoço e os corações dos pais. A tragédia piorara o espírito já de si nervoso de Lady Harcourt. Neste preciso momento, agarra firmemente o braço de um laçao,

virando a cabeça na direção dos convidados de tal maneira que a sua monstruosa *coiffure* estremece como geleia acabada de fazer.

— Onde está o Henry? — Jane examina o salão apinhado.

Se o incidente for sério, espera sinceramente que o irmão não esteja envolvido. Henry devia ser fácil de localizar. Entre os reunidos, quase todas as senhoras usam vestidos claros, enquanto os cavalheiros usam azul-escuro ou preto. Só Tom Lefroy inverte a tendência, imitando o malandro mais afável da literatura inglesa, Tom Jones, com a sua assustadora casaca cor de marfim, ao passo que Henry tem andado a pavonear-se com o seu uniforme militar escarlate.

James faz uma careta.

— Foi visto pela última vez a dançar com a amável Sra. Chute.

A Sra. Chute tem 26 anos, uma personalidade cheia de vida e uma aparência deslumbrante. Casou há pouco tempo com um velho rico que evita companhia, o qual, portanto, não está presente. É irritante que Henry não tenha de ser tão prudente com os seus namoricos como Jane.

Do outro lado da sala, Tom lança um sorriso triste a Jane, fazendo-a corar de calor. Deve ter entrado discretamente no salão logo após ela.

Atrás de James, a porta que dá para a residência abre-se novamente e é transposta pela Sra. Twistleton, a governanta dos Harcourts. Com os seus olhos amendoados, vestido de seda preta e punhos de renda branca, faz lembrar a Jane o melhor caçador de ratos dos Austens: o gato mais pequeno do pátio, de pelo preto e patas brancas. Passa os dias sentado ao sol a lamber as garras, aguardando a próxima vítima.

A governanta prende o braço do mordomo. Ao segredar-lhe algumas palavras ao ouvido, o homem esbugalha os olhos e empalidece. Que desastre poderá ter-se abatido sobre os Harcourts que faça o seu mordomo, habitualmente de expressão pétrea, perder todos os sinais exteriores de compostura? Jane desliza o pulso através do cotovelo de James, subitamente grata pela forma familiar do irmão ao seu lado.

O mordomo recompõe-se e toca o seu sino de cobre, falando com uma voz rápida e aguda.

— Senhoras e cavalheiros, está algum médico presente?

O salão é tomado por um sobressalto. O médico local levanta-se da cadeira, de rosto vermelho e a cambalear, caindo depois com força em cima do traseiro bem almofadado. Jane solta uma interjeição de censura. O homem está claramente embriagado. A Sra. Twistleton põe-se em bicos de pés e fala ao ouvido do mordomo. Este recua. Ela ergue as sobranceiras negras e assente com a cabeça.

O mordomo fita-a de boca aberta, antes de agitar novamente a sineta.

— Peço perdão. Senhoras e cavalheiros, há um clérigo presente?

Um riso nervoso perpassa pela multidão. Mais de metade dos homens presentes são membros do clero. Hampshire transborda deles.

James abre muito os braços, depois deixa-os cair ao lado do corpo. Acontece ser o homem do clero mais próximo dos serviçais.

— É melhor ir. Tu ficas bem?

— Vou contigo. — Jane entrega o seu copo meio bebido a um lacaios que passa. — Só para ver se não é o Henry.

A ruga na testa de James aprofunda-se ao encaminhar-se para a porta. Jane segue-o. Quer assegurar-se de que Henry não se meteu em sarilhos, e depois escapulir-se. Tem esperança de que ainda não esteja tudo perdido e haja outra oportunidade para o Tom se declarar antes de a noite terminar. Tenta cruzar o olhar com o dele antes de sair, mas o irmão vira-lhe as costas quando é envolvido pela multidão.

James chega à entrada da ala principal da casa exatamente ao mesmo tempo que o Sr. Fitzgerald. Colidem ombro com ombro. O Sr. Fitzgerald pode ainda não ter as suas fitas de Genebra, mas

o futuro padre está bastante ansioso para desempenhar as suas funções. Pestaneja, fazendo uma vénia pela cintura, indicando que James e Jane devem avançar. Os retratos a óleo que cobrem as paredes são cortados pela luz e sombras provocadas pelas velas de cera de abelha que tremeluzem nos respetivos castiçais de cobre. Várias gerações de Harcourts fitam-na friamente de dentro das pinturas. Jane reconhece o mesmo rosto longo, nariz em bico e queixo pontiagudo do atual detentor do título e seu filho. Os passos da governanta e do Sr. Fitzgerald ecoam logo atrás deles.

Emergem num grande vestíbulo. Uma pesada corrente mantém suspenso um candelabro de cobre no pé-direito duplo. Os painéis de carvalho e a escadaria esculpida que leva aos andares superiores da mansão são iluminados por inúmeras velas. Henry está de guarda diante de uma pequena porta entreaberta nos painéis. De pés plantados à largura das ancas e mão direita repousando no punho do seu sabre reluzente, está deslumbrante com os seus berloques de oficial. O casaco escarlate de dupla lapela destaca a sua figura alta, e as dragonas douradas assentam bem nos seus ombros largos. Em protesto contra o imposto sobre o pó de cabelo, cortara o seu curto, o que lhe dava um ar de libertino. Parece-se tanto com um soldadinho de chumbo que Jane tem vontade de rir de alívio ao vê-lo.

— Que aconteceu? — pergunta James.

Mas Henry permanece em silêncio, de expressão invulgarmente sombria. Aponta com a cabeça para a Sra. Chute, sentada num canapé de damasco vermelho-vivo diante deles, soluçando para um lencinho. Tem uma criada ajoelhada aos seus pés, empunhando um frasco de sais de cheiro. Outra criada, mais jovem, está de pé junto a uma esfregona mergulhada num balde de água com sabão. É uma rapariga baixa e roliça, com feições largas e pescoço grosso. A sua tez está assustadoramente pálida, e toda ela treme.

As penas de avestruz douradas da Sra. Chute baloçam e agitam-se no seu cabelo enquanto ela assoa o nariz.

— Não fazia ideia de que ela estava ali. Quase tropecei nela. Jane põe uma mão na garganta.

— *Quem* está ali?

— Diabos me levem se algum de nós sabe. — Sir John Harcourt anda para trás e para diante sobre a tapete turca. Sob os grossos caracóis da sua peruca volumosa, a sua pele está quase púrpura. Sempre teve uma figura imponente, com a sua grande barriga e maxilares descaídos. Esta noite está especialmente ameaçador.

Henry desvia-se.

— Receio que tenhamos encontrado... bem, um corpo.

James abre a porta. Detém-se. Jane põe-se ao seu lado, espreitando a sala. É uma pequena arrecadação. Lá de dentro emana um pavoroso cheiro metálico, como num talho. No chão, com a luz que penetra do corredor, Jane apenas consegue distinguir uma saia de chita. Está muito manchada por uma substância escura. Dois sapatos castanhos com rendas e solas de couro bastante gastas espreitam por baixo desta. São sapatos de senhora.

— No teu lugar, não o faria. — Henry coloca uma mão no braço de Jane, restringindo-a levemente.

O Sr. Fitzgerald passa por eles com uma pequena vela. Ajoelha-se ao lado da saia, iluminando o espaço acanhado.

Jane contém a bÍlis que lhe sobe pela garganta.

É uma jovem. Tem os braços abertos, uma palidez cinza e as feições congeladas num terror abjeto. Tem a boca aberta e olhos vidrados que fitam o vazio. Há sangue coagulado num enorme golpe na sua têmpora, e poças no chão em redor dela.

— Santo Deus!

Jane dá um passo atrás, mas não consegue desviar os olhos.

O Sr. Fitzgerald debruça-se, encostando o ouvido ao peito da mulher, procurando sentir a respiração. Após alguns momentos, coloca-lhe dois dedos no pescoço, depois abana a cabeça.

— Que o Senhor, no Seu perdão, lhe conceda paz eterna — diz baixinho.

Estica o polegar e o indicador sobre o rosto, tentando fechar-lhe os olhos.

Vacila. As pálpebras estão presas.

Retirando a mão, baixa a cabeça e faz o sinal da cruz. Ao fazê-lo, a luz das velas bruxuleia sobre a forma sem vida e acende em Jane um lampejo de familiaridade. Solta um grito agudo. É algo tão invulgar nela que a própria fica chocada. Os seus joelhos cedem. Segura-se às lapelas de James para se equilibrar enquanto fita aquele rosto.

Devia ser o princípio de outubro, porque o frio ainda não se sentia no ar, quando Jane vira pela primeira vez as feições delicadas da mulher. Tinha viajado para Basingstoke com Alethea Bigg, e encontrara por acaso a chapeleira, *Madame* Renault, empoleirada num banco de madeira no mercado. Numa mesa coberta com um pano de feltro verde, *Madame* Renault dispusera uns quantos chapéus de palha e várias toucas delicadas de renda. As roupas que usava, embora não estivessem na moda, eram apumadas e asseadas. Usava um vestido de chita com uma corrente de ouro e pérolas aninhada no corpete, e uma das suas próprias toucas debruadas a renda sobre o cabelo negro. Jane ponderara comprar um presente para Cassandra. Algumas das toucas eram tão sofisticadas que dariam um belo toucado para uma noiva.

Contudo, como de costume, a vaidade de Jane sobrepusera-se às suas boas intenções. Comprou um chapéu de palha, mas para si mesma. Tencionara experimentá-lo só por brincadeira, mas ficava-lhe tão bem! Jane tentou negociar o preço, dizendo que julgava não ter trazido dinheiro suficiente e que teria de voltar para o comprar noutro dia. *Madame* Renault encolhera os ombros, indiferente. Num inglês imperfeito, explicou que passava a maior parte do seu tempo a trabalhar por encomenda e que alugava a banca apenas quando tinha alguns artigos de sobra. Não podia garantir quando, ou mesmo se alguma vez voltaria a Basingstoke. Era capaz de aceitar uma comissão, se tivesse tempo.

Alethea achara a chapeleira arrogante, mas Jane tinha ficado tão impressionada com a sua confiança que lhe pagara os doze xelins e seis *pence* pedidos. Evidentemente, *Madame* Renault conhecia o valor do seu trabalho artístico e confiava que existia procura pelos seus artigos. Que libertador, pertencer a uma classe de mulheres que podia orgulhar-se abertamente do seu trabalho.

O encontro inspirara em Jane a audácia de se imaginar sentada atrás de uma banca no mercado, com todos os seus manuscritos muito bem copiados, presos entre placas de mármore e repousando em feltro verde...

Agora coloca o punho na boca, contendo um soluço, enquanto permanece hipnotizada pelo corpo brutalmente maltratado da chapeleira.

Os braços de James envolvem-lhe os ombros.

— Vai-te embora, Jane. Não te aflijas.

— Não posso. Eu conheço-a.

Todos olham expectantes para Jane.

— Então, quem diabo é ela? — Sir John bate com o punho gordo no aparador de mogno. — E por que raio está morta na minha arrecadação dos linhos?

Jane solta-se do abraço de James, dando um passo em direção à ombreira da porta de modo a ver melhor o rosto manchado de sangue da mulher. Deve ter a certeza antes de falar.

O Sr. Fitzgerald segura a vela ao lado da face da mulher, e Jane é dominada pelo abatimento. Tudo mudou. A noite já não é de frivolidade. Não receberá a sua proposta romântica nem desfrutará de mais beijos secretos com o seu amante na estufa esta noite.

— Chama-se *Madame* Renault. É chapeleira... Comprei-lhe um chapéu no mercado de Basingstoke.

Henry assente com a cabeça, como se esta informação lhe concedesse tudo o que precisa de saber.

— Mandei chamar o polícia da paróquia. Do magistrado já estávamos à espera, para o baile.



O Sr. Fitzgerald tapa *Madame* Renault com um cobertor, ajeitando-lho em torno dos ombros com desvelo, como se pudesse ainda mantê-la quente.

James conduz Jane à entrada principal.

— Anda, deixa-me meter-te na carruagem e levar-te a casa. Foi um choque terrível para todos nós.

Enquanto tropeça em direção à porta, Jane vira o pescoço para lançar um último olhar a *Madame* Renault. Uma nova onda de náusea domina-a ao ver o sangue a alastrar-se pelo cobertor que o Sr. Fitzgerald usou para cobrir o corpo. Como podia um ato tão monstruoso ter sido cometido aqui, no meio de tamanha alegria? A violência e o homicídio não tinham lugar no pequeno e seguro mundo de Jane. No entanto, ali estava *Madame* Renault, atacada por alguém que, segundo as informações que tinham, não podia estar longe de onde Jane se encontrava. Quem, na sociedade a que ela pertencia, podia ter perpetrado um crime tão hediondo?

## Capítulo Dois



Na manhã após o baile, Jane salta sobre os dois degraus entre o seu quarto e o patamar, e corre pela escadaria estreita até à cozinha, de onde sobe para a sala de estar da família. A reitoria de Steventon é uma construção desordenada, cuja disposição revela a história de uma residência que, ao longo dos últimos dois séculos, recebeu inúmeras adições ao acaso. Jane vestira-se à pressa, no terror de que Tom fosse um madrugador. De certeza que ele a visitaria hoje. A sua declaração fora gravemente interrompida, e ele devia estar tão desesperado para ouvir a resposta da rapariga quanto ela estava para ouvir as condições da sua proposta. Nem pensar que ele pudesse percorrer a milha e meia desde a reitoria de Ashe, onde estava alojado com o tio, o Reverendo George Lefroy, antes de Jane estar preparada para o receber.

Vários fios de cabelo castanhos escapam da trança de Jane, e as rendas do seu vestido amarelo-canário estão soltas. Sally, a criada dos Austens, pousa um tabuleiro de louça suja em cima da mesa enquanto cantarola baixinho, indo de seguida ajudar Jane com as fitas do decote. A lenha já arde na lareira de tijolos vermelhos do salão, onde toda a família se encontra reunida. No centro da divisão, a Sra. Cassandra Austen, mãe de Jane, está sentada a uma antiquada mesa de cerejeira, adornada com uma toalha de linho lisa posta para o pequeno-almoço. A Sra. Austen

segura uma tigela de madeira com compota de maçã enquanto Anna, a bebé de James, se debruça precariamente da sua cadeira alta para lhe chegar com uma colher.

O Sr. George Austen, pai de Jane, examina o jornal do dia anterior, jornal este que lhe é gentilmente disponibilizado por um vizinho quando acaba de o ler. James lê uma secção diferente do mesmo jornal. O Sr. Austen dividiu-o ao meio, permitindo a James ver os anúncios e os mexericos, enquanto ele procura qualquer menção aos Navios de Sua Majestade, *Glory* e *Daedalus*, nos relatórios navais. Da última vez que a sua localização foi reportada, ambos se encontravam ao largo das Índias Ocidentais, cada um deles levando carga extremamente valiosa a bordo: um jovem rapaz Austen. Frank, de 21 anos, e Charles, de 16, ambos se encontram no serviço ativo da Marinha Real.

Tecnicamente, como coadjutor do seu pai na aldeia próxima de Overton, James tem a sua própria casa. No entanto, desde a trágica e totalmente inesperada morte da sua jovem esposa no início do ano, encontrara consolo ao voltar para o ninho. Pode dormir e pregar em Overton, mas é em Steventon que faz as refeições e deixa a roupa para lavar. Anna, com 18 meses, está sempre em Steventon aos cuidados da avó. Jane costumava ficar de coração partido quando ela gritava pela sua mamã. É quase pior agora, que deixou de o fazer.

— Aceito isso, sim, obrigada. — A Sra. Austen abre o punho rechonchudo de Anna à força para dele retirar um pequeno frasco medicinal de vidro. — Quem é que deixou isto por aí?

Sally pede desculpa, guardando o frasco nas dobras do avental. Jane não comenta que foi a Sra. Austen que deixou o medicamento em cima da mesa. Sally já estava na cama quando Jane voltara para casa e dera a notícia do horrendo incidente aos seus entusiasmados pais. A Sra. Austen fora buscar o frasco ao armário trancado onde guardavam os medicamentos e praticamente obrigara Jane a tomar uma gota de láudano, para o choque. Jane cerrara os lábios e recusara vigorosamente a tintura. A sua

presença de espírito é a melhor arma do seu arsenal. Não permitirá que lha embotem. Quando Tom a visitar, o que decerto fará hoje, pedirá a Jane que tome a decisão mais importante na vida de uma jovem. Talvez a única decisão importante que alguma vez tomará sozinha. Como poderia enfrentar tal perspectiva se a sua mente estivesse a recuperar dos efeitos de um torpor induzido pelo láudano?

— O Henry já saiu? — Jane puxa uma cadeira, arranhando o chão de ladrilhos com os pés de madeira. As paredes da sala aca-nhada estão banhadas a tinta de cal e adornadas com medalhas ornamentais de cavalos e quadros com amostras de ponto-cruz, não ajudando a absorver o barulho da sua turbulenta família.

James confirma com um aceno de cabeça enquanto sacode a sua metade do jornal.

— Ele partiu para Oxford logo de manhãzinha. — Henry é estudante, mais um rapaz de Hampshire destinado ao clero, mas, com a ameaça iminente de uma invasão de Jacobinos do outro lado do Canal, voluntariou-se para as milícias. Henry, de quem não se esperava menos, arranjou maneira de o seu regimento ser posicionado logo à saída de Oxford, o que lhe permite continuar os seus estudos ao mesmo tempo que serve o Rei e o país.

— Que pena. Queria falar com ele antes de se ir embora. — Jane serve-se de chá de um bule de basalto preto. Não dormiu bem. Sempre que fechava os olhos, era assombrada pelas bochechas chupadas e a boca aberta de *Madame* Renault, como se a sua máscara de morte estivesse impressa nas pálpebras de Jane.

Sendo filha de um reitor, já tinha visto muitos cadáveres. Os pobres da paróquia não podem pagar caixões próprios. Chegam para o funeral embrulhados nas suas mortaldas, servindo-se do caixão comunitário para a cerimónia e sendo depois retirados deste, em direção à terra recém-escavada onde são enterrados. Da janela da diligência, até tinha visto os restos de salteadores de estrada, envoltos em correntes e suspensos com forcas, ao longo dos cruzamentos. Os seus corpos em decomposição, enxameados

de moscas e de onde saem larvas, são proeminentemente expostos perto do cenário dos seus crimes, de modo a dissuadir outros de os replicarem.

Porém, olhar o rosto de uma mulher cuja vida fora tão recentemente e tão injustamente roubada era uma experiência totalmente diferente. Uma que Jane já sabia que a assombraria para o resto dos seus dias.

— Julgo que temeu ser desafiado para um duelo pelo velho Sr. Chute, em defesa da virtude da sua mulher, caso ficasse em casa mais tempo — diz o Sr. Austen, sem levantar os olhos do jornal.

Jane engasga-se com o chá ao imaginar o geriátrico Sr. Chute a desafiar o jovem Tenente Austen. Imagina o velho a largar a bengala para pegar na pistola e a tombar de cara na relva.

— Não tem piada, pai. — James espreita por cima da sua metade do jornal. Apesar da noitada, James já está barbeado e cuidadosamente vestido.

— Não precisas de me explicar isso. — O Sr. Austen dá um gole no seu chá. Usa um quimono vermelho sobre as vestes eclesiásticas, e o brilhante cabelo branco espreita de um gorro a condizer. — Serei forçado a vender os meus bens para manter o Henry fora da cadeia, caso o Sr. Chute o processe por adultério.

Jane bebe um pouco de chá, esaldando a garganta. O divórcio é tão difícil e tão dispendioso para as classes médias que se torna quase impossível. E visto que uma mulher casada não possui propriedades ou fortuna próprias, o único recurso que um marido enganado tem contra uma esposa adúltera é processar o seu parceiro por «conversação criminosa». Mais precisamente, o termo refere-se à procura de compensação por depreciação de propriedade. Aos olhos da lei, o estatuto de uma mulher é apenas moderadamente superior ao de um cavalo favorito. Ambos podem ser chicoteados e forçados a trabalhar até à morte, mas só um pode ser legitimamente abatido quando deixa de ser útil. É uma verdade extremamente desagradável de reconhecer.

— Talvez seja por isso que o Sr. Chute tenha casado com a rapariga. — A Sra. Austen é alta e seca, com um nariz aquilino que ela acredita ser prova da sua linhagem aristocrática. — Na esperança de ela seduzir um qualquer jovem abastado e ter um caso sórdido, para poder lucrar com isso. — Passa um pano húmido nas bochechas gordinhas da neta.

Os processos por conversação criminosa tornaram-se tão lucrativos que se tem acusado alguns homens de incentivarem as mulheres a namoriscar com conhecidos ricos, com a intenção de os apanhar em flagrante. O Sr. Chute é demasiado rico para se dar ao incómodo de um esquema tão cansativo, mas é o género de homem que tem sempre sede de mais.

Felizmente, a heroína atual de Jane, a diabólica Lady Susan, é uma viúva, e, por isso, não terá de se sujeitar a tais humilhações em tribunal. Ao invés, com um só toque da pena e tinta de Jane, Lady Susan é livre de causar estragos no sexo masculino. Há uma certa ironia no facto de ser apenas através da submissão e posterior sobrevivência ao marido que uma mulher pode vir a atingir a verdadeira liberdade.

— Então por que carga de água é que ele a deixa perto do Henry? — O Sr. Austen pousa a chávena no pires, alinhando a asa exatamente com as três da tarde. — Devia tê-la mandado na direção do Jonathan Harcourt.

— A Sra. Chute não teria sorte com o Jonathan — diz James. — Dificilmente se deixará tentar por alguém que não seja a menina Rivers, não é?

A Sra. Austen franze os lábios.

— A Sophy é uma rapariga bastante agradável, e imagino que o seu dote seja bem acolhido, até pelos Harcourts...

Jane range os dentes ao ouvir a descrição que a mãe faz da ambiciosa herdeira. Sophy nasceu quase um ano antes de Jane, chegando pontualmente no Dia de Ano Novo de 1775. Apesar da proximidade tanto de idade como geográfica, desde a instalação da família Rivers em Kempshott Park há mais de uma década,

a nova-rica Sophy nunca fora particularmente *agradável* para Jane.

Anna tenta arrancar a touca de renda da Sra. Austen com o seu punho incrustado de puré de maçã.

— Mas eu sempre esperei que o Jonathan encontrasse alguém que o ajudasse a ser bem-sucedido. Alguém como tu, Jane. — A Sra. Austen tenta afastar as mãos pegajosas de Anna.

— Eu? Perdoe-me, mãe, mas esse navio já zarpou. A menos que deseje que eu arrebate o Jonathan para Gretna Green e o faça prometer-me casamento perante um ferreiro antes da cerimónia religiosa?

— Não disse que ele devia casar contigo, apenas com alguém *como* tu. — A Sra. Austen desenrola os dedos de Anna do folho da sua touca. Está tão bem salpicado de puré de maçã que combina com o babete de algodão. — Uma jovem de espírito mais independente, que não se deixe intimidar pelos pais.

Sem saber muito bem se deve sentir-se lisonjeada ou insultada, Jane barra a torrada com manteiga e adiciona uma colherada da compota de framboesa caseira da mãe por cima.

— Então, o Henry arruinou o bom nome de todos nós?

— Nada disso — respondeu James. — A descoberta macabra ofuscou quase por completo a indiscrição do Henry. Conseguimos espalhar que a Sra. Chute tinha tropeçado no corpo e o Tenente Austen correria em seu auxílio apenas depois de a ouvir gritar.

— Que galante da parte dele. — Jane sorri.

— De facto. — James franze a testa.

— Que comoção! Gostava de ter lá estado. — A Sra. Austen suspira. Anna mergulha a colher no puré de maçã e atira-a à avó. Jane mastiga a torrada.

— Eu disse-lhe que devia ir.

— Fora de questão. Está demasiado frio. A minha constituição nunca o teria suportado. — A Sra. Austen levanta a pequenita da sua cadeira e senta-a no joelho. — Além disso, não podemos deixar a queridinha Anna.

— Queridinha Anna? — Jane debruça-se para afagar os fios de cabelo louro na cabeça da bebé. — A mãe nunca se importou de nos deixar a nós. Ainda vivíamos todos com *Dame Culham* quando tínhamos o dobro da idade dela.

Tendo um batalhão de meninos em idade escolar para cuidar, além de uma quinta para gerir, a Sra. Austen delegara os cuidados quotidianos da maternidade quando os filhos eram pequenos. Depois de desmamados, todos os bebés Austen tinham sido entregues a uma ama-seca na aldeia e proibidos de voltar à reitoria de Steventon até à idade de se conseguirem desenvencilhar sozinhos.

A Sra. Austen faz um beicinho.

— Jane, nós visitámos-vos todos os dias.

Jane sorri docemente.

— Oh, que atenciosos. Deixavam um cartão de visita quando estávamos fora? — Jane já ouvira a mãe a explicar a prática invulgar um milhar de vezes. A julgar pela quantidade de tempo e energia que Anna exige, agora que reside na reitoria, já não pode censurar os argumentos da mãe. No entanto, não pode também deixar de se sentir um pouco ressentida por ter sido expulsa do seio familiar durante os primeiros anos de vida. Especialmente por haver um membro da prole Austen que dificilmente poderá alguma vez levar uma vida independente. George «Georgy» Austen é o segundo irmão mais velho de Jane. Na idade em que as crianças tipicamente aprendem a andar e a falar, Georgy começara a sofrer de violentos ataques que lhe interromperam a capacidade mental e esgotaram o corpo. Nunca aprendera a formar palavras, mas, como um verdadeiro Austen, não deixa que isso o impeça de ser compreendido. Antes de Jane aprender a escrever, ou mesmo a falar, Georgy ensinara-a a comunicar com os dedos.

Ele tem quase mais 10 anos do que ela e, na sua ingenuidade infantil, Jane nunca imaginara que se mudaria para a reitoria de Steventon enquanto ele permanecia com *Dame Culham* no chalé. Porém, a dificuldade de Georgy em compreender os perigos mais



quotidianos — como uma carruagem de seis cavalos disparada na direção dele ou o porquê de um lago infestado de sanguessugas não ser aconselhável —, assim como as suas necessidades médicas, exigem que tenha supervisão constante.

Na verdade, o Sr. e a Sra. Austen tentaram várias vezes levá-lo para casa, para viver com os irmãos. Mas após um incidente terrível em que temeram que tivesse morrido no poço, concordaram que Georgy devia permanecer sob os olhos mais vigilantes da ama. Talvez seja o melhor para ele, e Georgy é muito feliz na aldeia, rodeado pelos seus amigos e vizinhos. Mas a ideia de ele ser excluído da reitoria, apesar dos melhores esforços da família para o manter por perto, é um peso no coração de Jane.

Hoje em dia, maioritariamente, é Georgy quem faz visitas a casa. Vai e vem, furtivo como um falcão, para visitar as irmãs, evitando a sempre ansiosa mãe. O seu truque favorito é aparecer na cozinha dos Austens, sem cerimónia, para se servir do lendário pão de gengibre de Sally (por vezes tão picante que parece que ela trocou o gengibre por mostarda) antes que o resto da família tenha hipótese de o provar.

A Sra. Austen morde as bochechas e fita Jane intensamente, enquanto o Sr. Austen apenas solta uma risada. James baixa o jornal para espreitar pela janela. Uma figura compacta, com um gorro e uma capa castanho-lama, avança pelo caminho.

— É a Mary Lloyd? — pergunta ele.

Jane exala audivelmente e confirma.

Normalmente, Cassandra e Jane formam um quarteto amigável com Mary e a sua irmã mais velha, Martha. Os espíritos doces de Cassandra e Martha equilibram o azedume das irmãs mais novas. Mas Martha, que é prima dos Fowles, acompanhou Cassandra na sua viagem a Kintbury, deixando Jane e Mary a aturarem-se uma à outra durante a época de Natal. Foi o castigo por todos os passeios agradáveis que Jane e Mary tinham estragado com as suas implicações. Se Cassandra e Martha não tivessem uma natureza tão irritantemente boa, estariam perdidas de

riso neste preciso momento. Sally abre a porta e traz Mary para a sala. Mary demora-se à entrada, de olhos postos nas biqueiras das suas botas de caminhada.

— Perdoem-me. Interrompo-vos o pequeno-almoço?

Em criança, Mary sofrera de varíola. As marcas tinham-se esbatido, mas continuava a ter tendência para adoecer e podia ser dolorosamente acanhada... sobretudo na presença de James. Ainda mais desde que ele enviudara. É o irmão mais alto, taciturno e melancólico de Jane.

A Sra. Austen empurra o cesto do pão através da mesa.

— Entra, querida. Bebes um pouco de chá?

As faces de Mary coram.

— Não quero incomodar. Vim buscar a Jane.

A Sra. Austen apoia as mãos no tampo para se levantar da mesa.

— Disparate, não incomodas nada...

— Buscar-me para quê? — Jane fala por cima da mãe.

Mary dá um passo trémulo para mais perto de James.

— O tio Richard está a pedir a toda a gente que vá para Deane House, para ajudar a apanhar o assassino. — O tio de Mary, Richard Craven, é o magistrado do condado. Ela espregueia sob a aba fina do chapéu. — Oh, Sr. Austen, disseram-me que o chamaram para rezar sobre o corpo da mulher morta. Que horror. Deve ter sido simplesmente terrível para si.

Jane e a família entreolham-se em confusão, antes de perceberem que Mary se dirige a James e não ao pai de Jane.

James cora.

— Bem, eu...

Jane suspeita que Mary não estaria tão impressionada se tivesse visto a forma como James empalidecera ao ver o corpo chacinado de *Madame* Renault. Pensando melhor, sabendo quão profunda é a devoção cega de Mary por James, provavelmente até estaria.

— Irei lá ter mais tarde — diz.

A Sra. Austen faz um som de censura.

— Não debes manter o Sr. Craven à espera.

Jane foca-se no fundo da sua chávena. Está convicta de que Tom vem a caminho para a ver. Se partir agora, quem sabe quando terão outra hipótese de conversar? Ele até pode pensar que ela está a evitá-lo, depois da forma como desaparecera do baile. Segundo Cassandra, um cavalheiro precisa de muito incentivo para fazer tal declaração. Cassandra tivera de pintar as mais lisonjeadoras aguarelas do Sr. Fowle, com periquitos à volta, antes de ele finalmente perceber a dica e fazer a proposta.

— É só que... estou terrivelmente fatigada esta manhã. Não dormi muito bem, sabem.

— Bem, eu avisei-te... — A Sra. Austen cruza os braços diante do peito.

O queixo de Mary treme.

— Mas tens de ir. Disseram-me que identificaste a mulher morta.

Jane brinca com a asa da sua chávena de chá. James levanta os olhos do jornal.

— Se queres ficar em casa à espera de uma visita do Tom Lefroy, não te apoquentes. Ele vai juntar-se à expedição de busca para encontrar o canalha que fez isto, tal como todos os outros jovens cavalheiros aptos das redondezas.

Jane tem feito o seu melhor para esconder o caso com Tom. Não que duvide da aprovação familiar. Apesar de Tom ainda não estar estabelecido, é incrivelmente inteligente e trabalhador. Ainda não tem 20 anos e já se licenciou pelo Trinity College de Dublin e planeia estudar Direito em Lincoln's Inn. Talvez demore um pouco antes de ele e Jane poderem realmente casar, mas ela acredita que o pai dará a sua bênção à união. Pelo menos, após alguma persuasão exercida por Jane e pela mãe. Ainda assim, Jane é demasiado orgulhosa para deixar alguém, tirando Cassandra, conhecer o anelo com que aguarda a declaração de Tom.

— Como sabes disso? — pergunta.

— Porque o polícia da paróquia estava a pedir voluntários. Disse-me que o Lefroy já se tinha inscrito.

— Quando?

— Logo de manhã, enquanto ainda te esforçavas por adormecer. — James faz um sorriso pretensioso. — Partirei assim que terminar o meu pequeno-almoço. Se quiseres, posso preparar a *Greyllass* e emprestar-te os meus cães. Podes tentar encontrar o Lefroy.

Jane dirige uma expressão carrancuda ao irmão.

James esconde-se atrás do jornal, os ombros tremendo. *Greyllass* é o pônei de Cassandra. Em teoria, Jane sabe montar a cavalo, mas prefere não o fazer. Especialmente considerando que não testa a teoria desde que, aos 12 anos, caiu de uma égua volúvel.

— Isso quer dizer que identificaram o culpado?

James deixa tombar o canto do jornal e franze a testa.

— Creio que não.

— Então, como saberão quem procurar?

James encolhe os ombros.

— Vamos prender os vagabundos, todos os indesejáveis do costume.

— Espera um pouco, Mary. Vou buscar a minha touca.

Caso exista a mínima hipótese de ser capaz de ajudar a identificar o verdadeiro assassino, e salvar qualquer outra pobre alma de ser falsamente acusada, Jane tem de contar ao Sr. Craven tudo o que sabe acerca de *Madame* Renault. Deve à mulher assassinada o seu contributo na busca da justiça. Era egoísta da sua parte querer ficar em casa. E se Tom não a ia visitar hoje, isso pelo menos dar-lhe-á mais tempo para compor uma resposta menos obviamente entusiástica. Afinal, uma jovem deve preservar a sua modéstia.

## Capítulo Três



Jane aproxima-se dos portões de Deane House, inclinando ligeiramente a cabeça como forma de reconhecimento de um fluxo regular de caras familiares que caminham na direção oposta. Mary deve ter transmitido as ordens do tio por todo o lado no seu caminho para a reitoria de Steventon. Famílias abastadas, mercadores e serviçais andam de um lado para o outro no caminho de terra batida que conduz à entrada. Uma das paroquianas mais devotas do pai limpa os olhos com um lenço, enquanto o trabalhador de quinta a seu lado murmura para si mesmo, de maxilares cerrados.

Jane tenta aliviar a pontada no seu flanco com a mão. Trepou a colina a partir de Steventon em passo rápido, a canção dos pisocos na sebe compensando a ausência de conversa entre ela e a companheira.

— Diz-me, Mary. Como é que o teu tio julga que convidar o condado inteiro para ver o corpo da *Madame* Renault auxiliará a sua investigação?

— Não sejas tola, Jane. Toda a gente sabe que as almas das vítimas de homicídio permanecem por aqui. Não podem transitar para a eternidade enquanto não tentarem comunicar os pormenores da sua fatalidade aos vivos.

— Percebo. — Jane assente com a cabeça, apesar do seu ceticismo. Está decidida a despachar a conversa com o magistrado

e nada mais, na esperança de que Tom visite a reitoria no seu caminho de volta da caça ao homem, embora isso não pareça muito romântico. Agora, diante da fachada parcialmente revestida de madeira da mansão Tudor, a sua disposição esmorece perante a perspectiva de voltar à cena do crime.

— E o teu tio já apanhou muitos assassinos através desse método?

— Talvez não. — Mary marcha à frente, subindo os degraus de pedra até às portas duplas da entrada. A Deane House é cheia de ângulos e esquinas afiladas, com traves pretas e telhados muito inclinados. Até os vidros nas janelas são aguçados, com cristais em forma de diamantes. — Chamam-no sobretudo para procurar caçadores furtivos, e não me parece que as aves de caça tenham alma.

Jane hesita, recordando os braços abertos de *Madame* Renault e a poça de sangue escuro em volta do seu rosto macilento.

— Entra tu. Eu já vou ter contigo.

— Que é? Sentes-te mal? Estás um pouco esverdeada.

— Só quero recuperar o fôlego.

Mary encolhe os ombros e atravessa a porta aberta.

Uma vez sozinha, Jane fecha os olhos para dissipar a súbita sensação de náusea que ameaça dominá-la. Quando volta a abri-los, avista um traseiro familiar espetado para fora dos arbustos. Segue o caminho até ao restolhar, enquanto recupera o equilíbrio. Da janela de sacada no primeiro andar, mesmo por cima dela, as feições atormentadas e olhos marejados de Lady Harcourt fitam-na por detrás dos vidros em losango. Jane levanta uma mão em saudação, mas o corpo rígido da mulher permanece imóvel.

Aparentemente, Lady Harcourt não está com disposição para acolher excursionistas a marchar-lhe pela casa. E porque haveria de estar? Perder Edwin, o filho mais velho, num acidente tão súbito quanto trágico, para depois o noivado de Jonathan ser manchado por mais uma morte brutal e sem sentido, deve ser insuportável.

Jane aguarda pacientemente que o dono do traseiro termine o que quer que esteja a fazer nos arbustos. Após um momento, ele endireita-se e vira-se para ela. Tem a mesma altura e feições atraentes de todos os seus irmãos, mas uma constituição ligeiramente mais atarracada e uma indumentária mais casual. Não anda a cavalo nem caça, como os outros, e gosta muito de comida.

— Olá, Georgy! Que raio fazes aqui?

Os olhos de Georgy iluminam-se e o seu rosto abre-se num grande sorriso. Procura a mão dela, apertando-a vigorosamente entre as suas. Quando finalmente a solta, põe uma mão na boca e imita o gesto de comer alguma coisa.

— Queres um biscoito? — pergunta Jane.

*Dame* Culham trabalhara outrora para uma família surda em Southampton, e ensinara a Georgy a extensa litania de gestos que ele usa agora para comunicar. Em resultado, todas as crianças Austen se tinham tornado fluentes em falar com os dedos devido à simples proximidade com o irmão, apesar de Georgy gostar de os apanhar desprevenidos ao introduzir ocasionalmente sinais novos que ele próprio inventara. Jane tem a certeza de que ele teria aprendido a ler, se ao menos o pai e a mãe tivessem tido tempo e paciência para o ensinar.

— Bem, não encontrarás um por aí, pois não? Tolinho.

Georgy faz novamente o mesmo gesto de morder, mas agora mais animadamente. Jack Smith vem a correr da parte de trás da casa. Jack é o filho de *Dame* Culham. É alguns meses mais novo que Jane. Quando avista Georgy, põe as mãos nos joelhos e arqueja.

— Menina Austen — diz sem fôlego, tirando o chapéu de feltro e encostando-o ao peito. — Desta vez, pensei que ele me tinha mesmo escapado.

Quando Georgy tinha 21 anos, o Sr. Austen contratara Jack para ser o seu cuidador pessoal, acompanhando-o nas suas aventuras e fazendo o que podia para o manter longe de problemas.

Embora tivesse apenas 11 anos, Jack desempenhara o seu papel com admirável seriedade desde o início, e nunca vacilara na sua dedicação à tarefa durante a década que, entretanto, passara. Para manter os seus humores equilibrados, Georgy tinha de comer e dormir com regularidade — algo que ele tendia a negligenciar se deixado entregue a si mesmo.

Jane aponta na direção das rosas nuas sob a janela de sacada.

— Encontrei-o a esgaravatar nos arbustos. — O que haveria ali de tão fascinante para Georgy? Com o ano tão avançado, só as inchadas rosas-mosqueta permaneciam nos arbustos, e no solo havia apenas terra.

— Oh, Georgy. Que hei de fazer contigo? — Jack ri-se, voltando a pôr o chapéu. — Ponho-te umas rédeas, se não tiveres cuidado.

Georgy faz um gesto inteiramente inapropriado, deixando Jack sem qualquer dúvida sobre o que o rapaz lhe faria se ele alguma vez ousasse tratá-lo assim.

— Acho que ele tem fome — diz Jane, numa tentativa de desculpar a falta de maneiras do irmão.

— Fome, Georgy? Como, se acabámos de tomar o pequeno-almoço? — Jack agita as mãos no ar. — Suponho que ouviu falar da coisa terrível que aconteceu aqui ontem à noite?

Jane estremece.

— Sim. Hediondo.

— Viemos apresentar o nosso pesar. A mãe foi chamada para preparar o corpo da pobre mulher, sabe. O Georgy estava ao meu lado num minuto, mas quando voltei a olhar tinha desaparecido. — Jack bate com a palma da mão na testa.

Georgy olha-o, carrancudo. É justo dizer que, na altura em que o Sr. Austen contratou Jack, Georgy ficou totalmente atónito por o seu irmão mais novo *de facto* se ter, de alguma forma, tornado seu guardião. Durante a maior parte do tempo, Georgy trata Jack como um cúmplice voluntário, e divertem-se a deambular pelo campo juntos, mas quanto ao resto, Jack é um emplastro



de que Georgy precisa de se livrar — como um cavalo tentando enxotar uma mosca com a cauda.

Não obstante, Jane ainda consegue ouvir o grito perfurante da mãe no momento em que percebera que o pequeno Georgy desaparecera da reitoria de Steventon. Jane e as outras crianças corriam pela quinta como galinhas sem cabeça, desesperadas por encontrá-lo. Sem sinal dele, a Sra. Austen meteu na cabeça que Georgy devia ter trepado para o poço destapado. Ele estava sempre a atirar pedrinhas lá para dentro, esperando ouvir o barulho que faziam ao cair na água, 15 metros mais abaixo. O Sr. Austen disparou para o celeiro, de onde trouxe uma corda, enquanto James tirava a roupa, pronto para saltar atrás do irmão.

Felizmente, Henry voltou a cavalo com Georgy (que se afastara quase oito quilómetros ao longo do caminho para Kempshott Park, onde a cozinheira da Sra. Rivers certa vez o deixara comer um *macaroon* não autorizado) antes de terem acabado de amarrar a corda a um carvalho próximo. Até hoje, esse quarto de hora em que o irmão esteve desaparecido permanece o mais longo da vida de Jane.

— Assim é o nosso Georgy. Gosta de deambular — diz Jane, afagando o braço do irmão. Sentiu-se grata por *Madame* Renault ter recebido o devido respeito. Talvez voltar à cena do crime não fosse uma tortura tão grande. Embora não compreenda como é que alguém pode procurar pistas num corpo que foi movido. Mesmo admitindo a afirmação de Mary de que *Madame* Renault tentará comunicar com todos e mais alguns do além-túmulo.

— Como se eu não soubesse. Anda, Georgy. Vamos a Deane Gate Inn ver se a Sra. Fletcher já tem alguma das suas tartes prontas. Sabes que ela guarda sempre a melhor para ti. — Jack estende a palma da mão e desenha um círculo por cima da mesma com o indicador da outra.

Georgy abre muito os olhos. Acena ansiosamente e repete o gesto.

Jack inclina o chapéu para Jane, um prenúncio de rubor espalhando-se-lhe nas faces.

— Bom dia para si, menina Austen.

Jane observa-os a afastarem-se, o corpulento Georgy com a sua casaca de lã azul-escura e um Jack mais pequeno no seu fato mais modesto, de um tecido castanho de qualidade inferior. Uma dor doce forma-se-lhe no peito pelo par. Lembra-se de quando ela e Jack não eram tão furiosamente polidos — em crianças, corriam um atrás do outro e partilhavam segredos no chão de terra do velho chalé de *Dame* Culham.

No vestíbulo de entrada de Deane House, a garganta de Jane contrai-se perante a visão da porta da arrecadação dos linhos. Está fechada, novamente dissimulada nos painéis de carvalho. A tapete turca foi removida, e o cheiro a vinagre e a cera de abelha impregna o ar. O corredor, e presumivelmente o interior do armazém atravancado, foram esfregados. Todos os vestígios da morte violenta de *Madame* Renault, lavados.

Jane cerra os maxilares. As autoridades estão a abordar isto da maneira errada. É compreensível que os Harcourts desejem que todos os vestígios do terrível incidente sejam eliminados, mas o Sr. Craven é um tolo se pensa que alguém pode identificar o assassino a partir do brilhante chão de tacos. Se obter justiça fosse tão simples como esperar uma mensagem dos mortos, nenhum crime ficaria impune e os grandes mistérios do passado de Inglaterra seriam resolvidos. Entre os dois príncipes assassinados na Torre de Londres, poderia esperar-se que pelo menos um se esforçasse por passar uma mensagem acerca do paradeiro dos seus restos.

A voz melíflua da Sra. Twistleton flui desde o patamar na curva da grandiosa escadaria, onde a mulher se encontra junto de um busto de Edwin Harcourt montado num plinto de mármore.

— E não o acha um cavalheiro muito formoso, menina?

Mary está ao lado dela, os seus olhos perscrutando Jane enquanto a Sra. Twistleton acaricia sedutoramente a forma em pedra do falecido filho dos Harcourts. O busto não é uma representação muito convincente do exuberante jovem que Jane conheceu. O queixo é descaído e as faces cavadas. Mas, afinal, foi esculpido a partir do molde em gesso do rosto sem vida de Edwin. Sir John, afundado em dor e de coração partido por não existir qualquer retrato do filho mais velho que se pudesse adicionar à galeria de família, encomendou o trabalho após a sua morte.

— Tenho a certeza de não conhecer ninguém mais belo. — A Sra. Twistleton passa os dedos sobre os caracóis de mármore de Edwin. Os seus maneirismos alteram-se, como se interpretasse um solilóquio de Shakespeare. — Só cheguei a Deane House depois da tragédia. Mas diz-se que era parecido com o pai e consigo, sem dúvida, ver as semelhanças.

— Jane, até que enfim. — Mary não desconhece a dor. O seu próprio irmão mais novo sucumbiu à epidemia de varíola que lhe roubara a beleza, mas nem ela é mórbida o suficiente para fazer um espetáculo da sua máscara de morte. — Já estás preparada para ver o corpo?

O mordomo entra, a sua boca encurvada para baixo, como que para sublinhar a melancolia da situação.

— Por aqui, se fazem o favor. — Conduz as senhoras por um estreito lance de escadas até à cave e depois ao longo de um corredor.

Mary enfia o braço no de Jane, sussurrando:

— Sabias que a Sra. Twistleton já foi atriz?

— Não devias dizer coisas dessas, Mary. As pessoas podem entender mal.

— Oh, não. Quero dizer que ela foi prostituta.

— Hum. — O mordomo tosse para a mão quando chegam a uma porta fechada. — A senhora e a menina Rivers estão neste momento com... a falecida. Quando tiverem concluído a sua investigação, podem avançar. O Sr. Craven pede que anotem

todas as observações que façam e lhas apresentem antes de partirem.

— Com certeza. — Jane assente com a cabeça. O mordomo curva-se e segue com grandes passadas pelo corredor. Jane faz um som de censura, baixando a voz.

— Francamente, Mary, onde é que vais arranjar essas histórias?

— Eu? As que tu escreves são ainda mais impudicas.

— Sim, mas pelo menos não finjo que são verdadeiras.

— Chiu... — Mary coloca um dedo sobre os lábios e encosta o ouvido à porta. Lá de dentro vêm vozes elevadas. Jane aproxima-se da porta em bicos de pés e encosta a face à madeira macia.

— Que desastre — geme a Sra. Rivers, no seu distintivo tom indolente londrino. — Como pôde o teu noivo deixar que isto acontecesse?

— Não lhe chame isso, mãe — riposta Sophy. — Não estamos noivos, pelo menos não formalmente, e a mãe não me faz nenhum favor ao comportar-se como se estivéssemos.

— Mas estarão. Assim que este assunto estiver resolvido.

— Não devemos apressar os Harcourts, parecerá que não temos coração.

— Que não temos coração? Então e o meu coração? — geme a Sra. Rivers. — Estavas prestes a ser reconhecida como noiva do Jonathan. Esta união é tudo o que eu e o teu pai sempre quisemos para ti. Serás uma futura baronesa.

— Na verdade, mãe, a mulher de um baronete é apenas *Lady*. Só uma mulher que tenha uma baronia própria pode intitular-se baronesa, e julgo que até hoje só existiu uma.

Jane e Mary esforçam-se para suprimir um riso. Pelo tom de Sophy, é óbvio que as suas feições simétricas estão dispostas na habitual expressão de condescendência altiva.

— Basta de impertinências, minha menina. Devia ter-te garantido um bom casamento há anos. Sabe Deus que tiveste muitas propostas. O Sr. Chute ter-te-ia arrancado alegremente

das minhas mãos quando tinhas 17 anos. Mas não, querias esperar por alguém mais jovem, e agora deixei que o adiasses por demasiado tempo. Mais cinco minutos e estarias despachada. Ao invés, esta desgraçada aparece morta e estraga tudo.

— Não pode acusar a mulher morta, mãe. A culpa não é dela — diz Sophy.

— Tens razão. É tua. Toda esta maldita confusão é culpa tua. Se não me tivesses dissuadido a mim e à Lady Harcourt de publicarmos o anúncio no *The Times*, insistindo que esperássemos até poderes ter o teu grande dia, nada disto teria importado. O noivado seria oficial e irias agora a meio caminho do altar.

É verdade. A proposta frustrada de Jonathan Harcourt deixou Sophy num limbo romântico. A reputação dela exige que ele esclareça o assunto imediatamente. Contudo, como a própria Sophy afirma, seria muito indelicado ter o feliz anúncio perpetuamente associado a um homicídio.

— Talvez seja melhor darmos algum tempo aos Harcourts — continua Sophy.

— Não. Essa é a última coisa de que eles precisam. Vou falar com a Lady Harcourt, pedir-lhe que pressione o Jonathan. Estarás casada no fim do ano.

— Mas pode acontecer alguma coisa antes disso, mãe.

— O que é que pode acontecer, Sophy? Diz-me!

Jane e Mary entreolham-se, ambas esforçando-se para ouvir o que Sophy tanto teme, mas um completo silêncio persiste do outro lado da porta. Seria terrivelmente humilhante para Sophy se, durante este período em que são forçados a esperar, Jonathan mudasse de ideias e a sua tão ansiada proposta nunca se concretizasse. A mera ideia é quase, mas apenas quase, suficiente para dissolver a longa animosidade de Jane em relação a ela.

Como a sua associação a Mary Lloyd prova, Jane está disposta a ser amiga de qualquer jovem rapariga na sua localidade — mas Sophy tem consistentemente ignorado todas as ofertas de amizade de Jane. As raparigas Rivers apenas admitem a companhia

dos ricos ou titulados, de preferência os que representam ambos. Não lhe pareceria tão desrespeitoso se Sophy fosse tão vulgar como a mãe, mas a menina Rivers é a perfeição pura. É a jovem mais capaz que Jane alguma vez conheceu. De modo enfurecedor, Sophy mostra pouca paixão por qualquer das habilidades musicais e artísticas que domina. Jane viu a sua máscara de compostura desfazer-se apenas por uma vez. No ano anterior, quando Sophy se juntou à caçada do Boxing Day<sup>1</sup> com os irmãos de Jane, emergiu um lado mais selvagem e voluntarioso do seu caráter — galopou ao lado dos homens e saltou por cima de sebes numa perseguição cerrada à aterrorizada raposa.

— Porque é que tens de ser tão obstinada? — repreende a Sra. Rivers. — Não vês que tento fazer o que é melhor para ti? O Jonathan é um homem de linhagem inquestionável. Casa com ele e terás um título e um marido respeitável. Que mais podes desejar? Estás mesmo tão determinada a permanecer um espinho no meu flanco, ameaçando tingir a família com um escândalo? Como é que as tuas irmãs poderão arranjar maridos de *pedigree* apropriado se te comportares assim?

Um segundo mais tarde, o puxador da porta gira. Jane e Mary saltam para trás quando a Sra. Rivers sai. A viúva empina o nariz e avança. Sophy arrasta-se atrás dela, tapando o nariz e a boca com um lenço debruado a renda. Jane e Mary fazem uma cortesia, mas as senhoras passam sem dar sinal de as ver. Mary entra imediatamente na sala, mas Jane descai os ombros e para na ombreira por um momento antes de a seguir.

Os Harcourts moveram o corpo de *Madame* Renault da arrecadação dos linhos para uma sala onde se engraxam os sapatos. As paredes estão cobertas por estantes, cheias de graxas e escovas.

---

<sup>1</sup> *Boxing Day*, na Grã-Bretanha e em alguns países da Commonwealth, especialmente Austrália, Canadá e Nova Zelândia, é um feriado celebrado a 26 de dezembro em que tradicionalmente os criados e os pobres eram presenteados com prendas. [N. do E.]



*É da sabedoria universal  
que todos os bons mistérios  
precisam de uma  
detetive brilhante.*

**Hampshire, Inglaterra, 1795.** Uma jovem Jane Austen entra agora na sociedade e tem de aprender a lidar com os protagonistas da mesma – tanto os potenciais amigos, como os inimigos –, acabando envolvida numa investigação inesperada.

Quando o corpo de uma jovem é encontrado durante um baile, os presentes mostram-se chocados. Mas quando a morte é declarada assassinio, todo o condado fica em alvoroço. Para Jane, porém, o problema é muito mais pessoal, não só por conhecer a vítima, mas também por o seu querido irmão Georgy ser acusado do crime.

Jane tem sete semanas para expor o verdadeiro assassino e ilibar Georgy antes que este sofra o pior dos castigos – a forca. Será ela capaz de utilizar os seus poderes de observação para resolver o mistério e salvar o irmão da corda do carrasco?

**Com a mesma vivacidade de espírito, crítica social e personagens inesquecíveis que tornaram os livros de Jane Austen clássicos intemporais, Jessica Bull oferece-nos um policial espirituoso e envolvente, apresentando a famosa escritora como uma intrépida detetive amadora.**

«Uma homenagem à sagacidade mordaz de Jane Austen  
e à elegância das suas frases.»

*Jane Austen's Regency World*



Penguin  
Random House  
Grupo Editorial

[www.penguinlivros.pt](http://www.penguinlivros.pt)

@topseller.suma

penguinlivros

ISBN 9789897878848



9 789897 878848 >